



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sobre o falecimento do Papa João Paulo II

Granja do Torto-DF, 02 de abril de 2005

Presidente: Meus queridos companheiros e companheiras,

Foi com muita tristeza e dor que Marisa e eu recebemos notícia da morte do Papa João Paulo II. Um papa que foi operário na sua juventude, um papa que dedicou, antes de ser papa, parte da sua vida lutando contra adversidades como o nazismo, um papa que teve um comportamento extraordinário na luta pela redemocratização do leste europeu, um papa que dedicou toda a sua passagem pela Igreja na luta pela justiça social e no combate à pobreza.

Eu penso que a humanidade perde hoje não um papa, perde mais que um papa: perde um símbolo da paz, porque eu acho que ninguém, no século passado, teve tanta dedicação, viajou tanto o mundo e pregou tanto a paz como o Papa João Paulo II.

Todos vocês sabem que eu tenho uma dívida de gratidão com o Papa, na vinda dele em 1980, ao Brasil, porque nós estávamos cassados pelo sindicato dos metalúrgicos e teve um encontro do Papa com os operários, no Morumbi, e ele fez questão de receber parte da Direção que estava cassada. Não foi uma tarefa fácil, porque naquele tempo os militares, que tomavam conta da segurança do Papa, não queriam que nós entrássemos. Marisa e eu ficamos até duas e pouco da manhã, embaixo de chuva, para podermos ser recebidos pelo Papa. Depois, ele me recebeu em 89. E todas as vezes que um bispo brasileiro ia a Roma, ele falava da questão da justiça social, falava das necessidades da reforma agrária pacífica, falava da necessidade de acabar com a fome e com a miséria e, por isso, eu penso que o mundo perde um grande homem, perde um grande símbolo. E eu só posso pedir a Deus que



encha o nosso planeta de homens com a mesma coragem do Papa João Paulo II, com a mesma dedicação e a mesma perseverança dele, de lutar e acreditar em coisas boas.

Morre o Papa, mas fica acesa na cabeça de cada ser humano as suas mensagens de esperança, da certeza de que, com muita luta, com muita fé, nós poderemos construir um mundo mais justo, mais solidário e mais humano.

Eu, certamente, irei a Roma, no enterro do Papa. Vamos esperar apenas que o Vaticano marque a data do enterro. E eu penso que é o mínimo que um operário pode fazer por outro operário. É prestar essa homenagem ao homem que simbolizou tanto a minha época.

Rodrigo Baena: Agora, de acordo com o estabelecido, o Presidente da República responderá a três perguntas dos jornalistas. A primeira será do jornalista Kennedy de Alencar, jornal "Folha de São Paulo".

Kennedy de Alencar – Folha de S. Paulo: Boa noite, Presidente. Durante os 26 anos do pontificado do Papa João Paulo II ele se destacou, como o senhor bem disse aí, pela defesa de liberdades políticas, teve um papel importante na queda dos regimes totalitários no leste europeu. Mas, ao mesmo tempo, ele é tido como um Papa muito conservador e que deixa um legado conservador. Ele combateu a teologia da libertação, uma visão religiosa que está na origem de muitos grupos que formaram o PT, o partido do senhor; ele é contrário ao aborto e o governo do senhor tem uma proposta de discussão da legalização do aborto; ele é contrário ao uso de preservativos nas relações sexuais, a "camisinha"; ele foi contrário à união civil entre homossexuais, a chamada união civil gay, entre pessoas do mesmo sexo.

Eu queria saber se o senhor concorda com essa avaliação de que o legado histórico do Papa será mais esse lado conservador dele, se o senhor concorda com a avaliação de que em determinado momento ele foi adversário



de idéias que o senhor defendeu, e qual é a posição pessoal do senhor, como Presidente da República, em relação ao aborto, ao uso da “camisinha”, à união civil entre pessoas do mesmo sexo e se, ao final disso tudo, o que resta do pontificado dele, é uma distância maior em relação aos mais pobres e ao cotidiano dos fiéis, ou seja, quando ele se opõe ao aborto, à “camisinha”, à união civil entre pessoas do mesmo sexo, ele está se opondo a idéias que são costumes que o mundo contemporâneo passou a aceitar. Até o Severino Cavalcanti recentemente colocou em votação propostas que ele antes rejeitava.

Então, minha pergunta para o senhor é essa, se o senhor concorda que o legado dele é conservador, se ele foi adversário do senhor, das idéias que o senhor defendeu, a sua posição nessas três questões e se isso distanciou dos fiéis e dos mais pobres.

Presidente: Veja, primeiro eu acredito que muitas das posições que o Papa teve e que, muitas vezes, divergia daquilo que eu pensava, eram posições de uma grande parte da Igreja Católica, e nós só temos que respeitar essa convivência na diversidade.

Eu não posso medir um homem pelas divergências que tem com outros segmentos da sociedade. Eu tenho que medir a passagem do Papa pela Igreja e pela sua vida política, pelo que ele deixou de mensagens positivas à humanidade. E, certamente, elas foram infinitamente em maior quantidade, certamente elas marcaram muito mais a posição da humanidade.

É importante ressaltar que o Papa não fazia distinção dos países que visitava. Ele foi capaz de ir visitar a pessoa que o tentou matar. Ele foi capaz de ter o gesto de grandeza de perdoar aquela pessoa. E vocês sabem que o perdão só é dado por quem tem uma dimensão humana maior do que a média da humanidade.

Então, um homem dessa grandeza não pode ser medido, depois da sua



morte, por algumas diferenças, tem que ser medido efetivamente pelos grandes gestos que ele teve em prol da justiça social e da paz que ele deixou no mundo. É assim que eu quero guardar a imagem do Papa João Paulo II.

Kennedy de Alencar – Folha de S. Paulo: E a posição do senhor nessas três questões levantadas, que ele se opôs muito ao aborto, ao uso de preservativo...

Presidente: Eu tenho dito que não apenas eu, Marisa, e acho que milhões e milhões de mulheres são contra o aborto. Ninguém faz aborto porque quer fazer o aborto. O que nós defendemos é que isso seja tratado como uma questão de saúde pública para atender a milhões de pessoas pobres que precisam, às vezes, de um atendimento e não têm. É apenas isso.

O mundo moderno exige que as pessoas se cuidem. Inclusive no momento em que a humanidade tem uma doença como a AIDS, é muito importante que todas as pessoas se cuidem para evitar serem vítimas de uma doença que ainda não tem cura.

Rodrigo Baena: A segunda pergunta é da jornalista Juliana Alvim, da Rádio CBN.

Juliana Alvim – Rádio CBN: Boa noite, Presidente, boa noite, Dona Marisa. A minha pergunta é a seguinte: Presidente, o senhor acredita que há chances concretas de que o sucessor do Papa João Paulo II seja da América Latina? E mais, o senhor considera importante que novo Papa seja da América Latina? E por quê?

Presidente: Você está perguntando um desejo meu. Eu gostaria que ele fosse brasileiro. Eu, sinceramente, gostaria que fosse brasileiro e tenho tantos



amigos que são cardeais, aqui, no Brasil, que ficariam muito felizes se um deles fosse escolhido.

Agora, é um problema da Igreja Católica. Obviamente que se fosse da América Latina estaria muito mais próximo de nós, conheceria muito mais os nossos problemas. Mas eu espero que a Igreja escolha um Papa que tenha uma dimensão social muito grande, um Papa que esteja preocupado em combater a miséria e as injustiças no mundo. Se isso acontecer, já estarei feliz, porque certamente terei um aliado na luta contra a fome.

Juliana Alvim – Rádio CBN: Mas é importante que ele seja da América Latina, Presidente?

Presidente: Seria, para mim, importante, do ponto de vista político, do ponto de vista geográfico. E seria melhor ainda se fosse brasileiro. Vamos torcer.

Rodrigo Baena: A última pergunta é da jornalista Aline Bastos, da TV Nacional.

Aline Bastos – TV Nacional: Boa tarde, Presidente; boa tarde, Dona Marisa.

Presidente, ainda nessa questão da dimensão social, eu gostaria de perguntar o que o senhor espera, qual a postura do sucessor do Papa com relação ao combate à fome, à pobreza, a paz no mundo, quer dizer, o senhor poderia detalhar como seria essa postura ideal para o governo brasileiro?

Presidente: Olha, quando em setembro do ano passado nós fizemos o encontro na ONU com 60 chefes de Estado para discutir a questão da fome, o Papa João Paulo II mandou a segunda pessoa mais importante no Vaticano para participar do evento. Há uma tradição na Igreja Católica de estar ligada ao combate às injustiças, à fome e à defesa dos direitos humanos. É uma



tradição. Independentemente se a pessoa é mais conservadora ou mais progressista, é uma tradição da Igreja Católica estar do lado dos oprimidos, do povo mais pobre do mundo.

E eu não tenho dúvida nenhuma de que qualquer pessoa que os cardeais escolherem para ser o novo papa, estará ligada àqueles que vão lutar e que vão combater a pobreza, porque é uma exigência, hoje, cristã. É uma exigência, hoje, de quem tem uma tradição humanista, ou seja, nós não podemos ficar quietos diante do sofrimento das pessoas. E eu acho que a Igreja Católica, que tem essa tradição histórica, sabe disso. Portanto, eu não tenho dúvida de que o novo papa estará ao lado do povo pobre do planeta, lutando para melhorar a sua qualidade de vida.

Rodrigo Baena: Muito obrigado a todos. Boa noite.

Presidente: Obrigado.